
Literatura afrofeminina: a construção de novos significados*Black Women's Literature: the Construction of New Meanings*

Autoria: Tassia Nascimento

 <https://orcid.org/0000-0001-8585-6235>DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179980>URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179980>

Recebido em: 26/01/2021. Aprovado em: 07/05/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

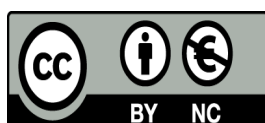
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  fb.com/opiniaes

Como citar (ABNT)

NASCIMENTO, Tassia. Literatura afrofeminina: a construção de novos significados. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 356-370, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.179980>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179980>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

literatura a **f**rofeminina: a construção de novos significados

Black Women's Literature: the Construction of New Meanings

Tassia Nascimento¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179980>

¹ Doutoranda em Ciência da Literatura pela UFRJ, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina e Licenciada em Letras Português e Espanhol – com as respectivas literaturas – pela mesma universidade. Vencedora dos Prêmios Mulheres Negras contam sua história (2013) e Prêmio Palmares de Monografia e Dissertação (2010). Pesquisadora do projeto Literaturas africanas e afro-brasileira: mar negro em língua portuguesa pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PROIC) da UEL desenvolvendo atividades relativas à pesquisa intitulada Antologia de escritoras afro-brasileiras no período de agosto/2005 a julho/2007. Colaboradora do Projeto de Extensão intitulado Construindo o cidadão pela linguagem, de março/2007 a novembro/07. Atualmente professora das redes Municipal e Estadual de ensino de São Paulo. Experiência docente nas seguintes áreas: Língua Portuguesa, Produção e Interpretação de Textos, Literatura e Língua Espanhola. E-mail: professora.tassia84@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8585-6235>.

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar os elementos que permitem identificar o corpus da poética afrofeminina, estabelecendo uma discussão a respeito do conceito de *escrevivência*, cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo, e o processo de resignificação da noção de identidade da mulher negra no Brasil por meio da literatura. A compreensão dos paradigmas e da perspectiva epistemológica negra presentes na materialidade textual desta poética pautou-se nos três temas estabelecidos pela teórica Patricia Hill Collins (2016), quais sejam: 1) a autodefinição e autoavaliação, que permitem uma autonomia de pensamento e resistência à objetificação inerente aos sistemas de dominação; 2) a intersecção entre múltiplas estruturas de dominação, que permite ao sujeito negro identificar o entroncamento e as nuances de um jogo estabelecido arbitrariamente pelo discurso hegemônico; 3) a redefinição e explicação da importância da cultura da mulher negra. A partir deles, estas mulheres exploram suas próprias vivências, identificando áreas concretas de relações sociais onde são criadas e transmitidas autodefinições e autoavaliações. A contrapelo, personagens e toda uma semântica irrompem, conduzindo um fio de memórias e revelando especificidades identitárias.

Palavras-chave

Memória. Identidade. Poética afrofeminina. Mulher negra.

Abstract

The objective of this article is to analyze the elements related to black female literature and establishing a discussion about the concept of “*escrevivência*”, created by Conceição Evaristo, even as observing the process of resignification of the notion of black women identity in Brazil through the literature. The comprehension about the paradigm and black epistemologic perspective existent in this poetic was based on the three themes constructed by the theorist Patricia Hill Collins (2016), which is: 1) autodefinition and autoevaluation, that allows autonomy of thinking and resistance to objectification related of domination system; 2) the intersection of different domination structure, that allows black people to identify the details established by hegemonic speech; 3) the redefinition and explanation of the importance of black women's culture. From that these women explore their own lives, identify social relationships where they create and spread auto definition and auto evaluation. Characters and a lot of different meanings appear, leading us to recognize memories and identities specificities.

Keywords

Memory. Identity. Black women's literature. Black woman.

introdução

[...] a resistência é um efeito da heterogeneidade cultural num mesmo território político”.

Muniz Sodré²

A compreensão da noção de comunidade negra no Brasil pressupõe, inicialmente, a identificação do compartilhamento de um advento histórico que ocasionou a esta coletividade experiências não idênticas, mas similares. O processo de colonização do continente americano conferiu uma marca a estes indivíduos baseada em um argumento classificatório e essencialista. Aníbal Quijano, em seu artigo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, examina o elemento da colonialidade, presente no padrão de poder hoje hegemônico, e a conseguinte demanda emancipatória que pressupõe como base um processo de descolonização epistemológica. As relações sociais se configuraram a partir da dominação e, neste sentido, “(...) identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, como constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha”, (QUIJANO, 2005, p. 228). De acordo com ele, a ideia de raça estabeleceu legitimidade às subjugações impostas, concentrando em um modelo europeizado a dominação e controle das formas de subjetividade, cultura e produção de conhecimento, outorgando sentido a apenas um modelo de experiência material.

O etnocentrismo, além de pautar-se na classificação racial dos indivíduos, colocando os europeus como superiores, estabelece como natural esta posição. O eurocentrismo, enquanto perspectiva de conhecimento, modo específico de racionalidade, pauta-se em um mito fundacional como ponto de partida do curso civilizatório. As diferenças aparecem como fenômenos da natureza e confere-se a elas poder a partir de um padrão cognitivo em que são categorizadas binariamente relações intersubjetivas entre a Europa Ocidental e o ‘restante’ do mundo: “Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-razional, tradicional-moderno” (*idem*, p. 238).

A partir de uma perspectiva desconstrutivista, Quijano inverte a leitura colonialista e posiciona a América como inauguradora de um conjunto de novas relações materiais e intersubjetivas. De acordo com ele, na realidade, os europeus se autoproduziram a partir do processo de colonização: “(...) a primeira identidade geocultural moderna e mundial foi a América. A Europa foi a segunda e foi constituída como consequência da América, não o inverso” (*idem*, p. 249). Estabelecer uma análise a partir dessa perspectiva nos permite colocar ‘sob rasura’ (HALL, 2007) a ideia de identidade negra de acordo com a lógica essencialista e etnocêntrica. De acordo com Stuart Hall, a ideia de rasura surge para pensarmos conceitos cuja configuração original aparece desajustada, precisando, portanto, ser repensada de maneira destotalizada e desconstruída (*idem*).

De maneira geral, a identidade refere-se a um conjunto de elementos materiais e simbólicos constituídos dentro do discurso de uma coletividade que a

² SODRÉ, 1988, p. 121.

consolida a partir de suas demandas. Neste sentido, o processo de identificação pressupõe o estabelecimento de fronteiras simbólicas e não ocorre de forma unilateral, mas por meio de uma articulação estratégica e posicional, estando sempre sujeita a uma historicização. Diante das contingências, as identidades seriam “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (*idem*, p.112).

Quando falamos em literatura negra é imprescindível observarmos as discussões que entrelaçam a materialidade textual desta poética à lógica de constituição de novas formas de subjetividade. O objetivo deste artigo é analisar os elementos que nos permitem identificar o corpus da poética afrofeminina, estabelecendo uma discussão a respeito do conceito de escrevivência, cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo, e o processo de ressignificação da noção de identidade da mulher negra no Brasil através da literatura. Cabe ressaltar que todos esses elementos, assim como as conceituações a respeito da poética afrofeminina apresentadas aqui, demarcam uma produção discursiva em movimento, aberta ao diálogo e distante de qualquer tentativa de estabelecer uma forma de cultura homogênea e engessada para a identidade negra. Neste trabalho, falo sobre nós e parte de nossas produções literárias, considerando, obviamente, a heterogeneidade de nossa categoria. Coloco, neste sentido, sob o mesmo jugo, aquelas que sofreram a violência do aniquilamento sexista e etnocêntrico a partir de um elemento histórico compartilhado, compreendendo, concomitantemente, as múltiplas e incontáveis facetas destas subjetividades. A intenção não é engessar uma forma de “ser” mulher negra, mas compreender, a partir de um contexto específico, possibilidades de existência na contracorrente dos estereótipos estabelecidos.

A literatura afrofeminina refere-se, dentre outras possibilidades, a uma prática de significação e à utilização dos recursos da linguagem para demarcar possibilidades identitárias. As representações constituídas nela participam da invenção simbólica das identidades, estabelecendo uma noção de comunidade negra para além da noção de escravidão enquanto raiz identitária. Ao considerarmos o histórico de desumanização da comunidade negra, compreendemos que a escrita elaborada por mulheres negras contrapõe o desígnio de silenciamento aos corpos duplamente subjugados em uma sociedade etno e falocêntrica.

Refletir sobre essa literatura significa estabelecer uma discussão sobre os regimes estéticos e de sensibilidade que determinam o que pode ser dito e por quem (RANCIÈRE, 2009). As mulheres negras foram discursivamente desumanizadas, mas isso não significa que dentro de um contexto cotidiano elas não tenham produzido história e cultura. Em 1985, Gayatri Spivak (2010) estabeleceu a seguinte pergunta no título de seu ensaio: “Pode o subalterno falar?” De acordo com ela, a mudez da mulher ‘subalterna’ está associada não à ausência de uma fala, mas sim de uma escuta, de um valor atribuído a ela que permita a legitimação de sua fala dentro de uma estrutura de poder. Existem formas de regulação que não atribuem valor a determinadas posições de sujeito. As mulheres negras produzem e sempre produziram discursividades, mas não foram ouvidas ou lidas devido uma estrutura que não confere aos ditos ‘subalternos’ a possibilidade de autodefinição.

Por meio dessa poética, identificamos inúmeras rupturas com a ordem preestabelecida, assim como a narrativização de um universo simbólico específico.

De acordo com Rancière: “A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer” (RANCIÈRE, 2009, p. 59). A partir dessa reflexão inicial, podemos estabelecer uma primeira desconstrução a respeito da ideia que coloca ficção e realidade como pertencentes a regimes opostos. Nesta análise, torna-se interessante a compreensão de que ambas se constituem através do imaginário, permitindo-nos apreendê-las não como um dado bruto, pré-fabricado, mas a partir de uma dinâmica resultante de uma construção. Por intermédio do que Wolfgang Iser (2002) denomina como ‘atos de fingir’, o imaginário realiza a relação entre ficção e realidade. As produções afrofemininas, enquanto textos ficcionais, encerram elementos do real não se esgotando, no entanto, na descrição deste. Seu componente fictício não tem uma finalidade em si, mas é, enquanto ‘fingimento’, a construção de um imaginário direcionado à reconfiguração da noção de identidade negra no Brasil.

A compreensão dos paradigmas e da perspectiva epistemológica das escritoras negras pautou-se nos três temas estabelecidos pela teórica estadunidense Patricia Hill Collins (2016) e foram relacionados ao pensamento afrofeminista, quais sejam: 1) a autodefinição e autoavaliação, que permitem uma autonomia de pensamento e resistência à objetificação inerente aos sistemas de dominação; 2) a intersecção entre múltiplas estruturas de dominação, que permite ao sujeito negro identificar o entroncamento e as nuances de um jogo estabelecido arbitrariamente pelo discurso hegemônico; 3) a redefinição e explicação da importância da cultura da mulher negra. A partir deles, estas escritoras exploram suas próprias vivências, identificando áreas concretas de relações sociais onde são criadas e transmitidas autodefinições e autoavaliações e localizando a forma como as mesmas conceitualizam a si, assim como o contexto de opressão que as atravessa.

A análise e identificação das construções racializadas de gênero, empreendidas pelas mulheres negras na literatura, baseia-se na perspectiva metodológica de Ria Lemaire. De acordo com ela “a história tem sido – com pequenas exceções – fundamentalmente etnocêntrica e viricêntrica” (LEMAIRE, In HOLLANDA, 1994, p. 60), fato que corrobora a necessidade de alteração radical dos conceitos e pressupostos canonizados a partir de duas linhas centrais: 1) a desconstrução do próprio sujeito masculino: o homo sapiens da cultura ocidental, bem como o “herói” das obras literárias. 2) a desconstrução de sua genealogia literária, do mito de uma única literatura” (LEMAIRE *apud* HOLLANDA, 1994, p. 64).

escrevivências

*A noite não adormecerá
jamaís nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
do nosso líquido lembradiço
a cada gota que jorra
um fio invisível e tônico*

*pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência*
Conceição Evaristo³

A noite não adormecerá nos olhos das mulheres.

Em 17 de julho de 1955, a noite não adormeceu nos olhos da escritora Carolina Maria de Jesus. Em seu diário intitulado *Quarto de despejo*, ela narra: “Saí a noite, e fui catar papel” (JESUS, 2007, p. 14). A poeta mineira Conceição Evaristo também não adormece ao escutar os relatos noturnos, contados a meia voz, das mulheres de sua família: “De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite” (EVARISTO, 2007, p. 19). A noite chega para essas mulheres não como um momento destinado ao repouso da consciência, ao descanso profundo, mas para um estado constante de cautela e precaução. Seus olhos não adormecem, pois o processo de resistência e subversão desvelou-se muitas vezes entre os silêncios e através de sussurros. A última estrofe do poema apresentado na epígrafe fala sobre os fios da resistência constituídos e entrelaçados em momentos de vigília, constituindo um conjunto de memórias e significados.

A atenção às vozes das mulheres de sua família, assim como às histórias que habitavam a casa, transformou-se em arsenal para a produção das narrativas evaristianas. A autora torna-se narradora de uma experiência coletiva e seu discurso testemunhal manifesta uma memória atrelada a uma comunidade: “a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância” (EVARISTO, 2007, p. 19). Em 2009, durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, a autora caracterizou a especificidade de sua poética utilizando o neologismo “escrevivência”. Em 2011, em prefácio à obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, ela reiterou a utilização do vocábulo objetivando delinear através dele seus artifícios para a produção textual. De acordo com ela, escrever refere-se ao ato de representar algo por meio de signos gráficos, relacionando este exercício à própria existência. Nos treze contos publicados na obra supracitada, a voz da escritora posiciona-se sincronicamente enquanto narradora e ouvinte, minuciando ao início de cada história a representação do ato de escrever: “Ouço muito. Da voz outra, faço a minha” (EVARISTO, 2011, p. 9). As vozes ressoantes nas narrativas refletem a posição de sujeito da narradora/ouvinte e entrelaçam memórias e tramas coadunáveis. As histórias presentes na obra “[...] não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (idem).

Evaristo permite ao leitor escutar a ressonância da voz de uma narradora/testemunha, revelando uma forma de vida e um passado pouco reconhecidos devido a uma ordem escravocrata silenciadora das especificidades culturais e históricas da comunidade negra. Na materialidade textual de seus escritos, o tempo presente rememora o passado aproximando sua narrativa a fatos experienciados por incontáveis mulheres negras. A narradora constrói uma forma de discurso que nos permite recolher vestígios de uma posição de sujeito silenciada

³ EVARISTO. In: *Cadernos Negros*, v. 19, p. 26.

pelos discursos etnocêntricos. De acordo com Beatriz Sarlo: “existe experiência quando a vítima se transforma em testemunho” (SARLO, 2007, p. 26). A fala de Conceição não é apenas sobre as sobreviventes, mas sobre aquelas que transgrediram e subverteram a ordem de silenciamento. De acordo com Sarlo: “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito” (SARLO, 2007, p. 39). As escrituras evaristianas corroboram, portanto, um processo de afirmação da identidade negra no Brasil.

A memória e os relatos de memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que, até três décadas atrás, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco acessíveis à simples introspecção (SARLO, 2007, p. 39).

As mulheres negras deixam de ser ‘coisas’, ‘peças’, ‘objetos’ a serviço do outro que as pertencem de acordo com a ordem colonizadora de seus corpos e pronunciam discursos que contradizem a noção de Verdade. Surgem, portanto, as mencionadas ‘Verdades subjetivas’: discursos que refletem posições de sujeito. São narrativas identitárias concernentes a um corpus específico de produção literária. O ato de escrever refere-se, portanto, à experiência de um conjunto de mulheres que reivindicam o reconhecimento de sua voz e trajetória na contramão do silenciamento imposto diante da negação daquilo que representa sua identidade.

O processo de produção e legitimação destas narrativas integram um contexto histórico de deslocamento dos referenciais tradicionais e de um sistema de referência unilateral. Neste sentido, a ideia fundamentada no homem branco ocidentalizado deixa de ser a matriz e criam-se outras raízes-referências, relativizando-se, inclusive, os sentidos e modelos produzidos por ele. A poética afrofeminina representa a formação de uma identidade na contramão de uma historiografia que considera como epicentro da criação uma representação constituída de acordo com uma conjuntura etno e falocêntrica.

Ao reconhecer a posição de sujeito das mulheres negras, podemos adentrar suas especificidades históricas e culturais. No corpus dessa literatura encontramos autodefinições e autoavaliações que redefinem a importância da cultura da mulher negra, nos permitindo localizar a produção de narrativas que tornam tangíveis as minúcias de uma cotidianidade silenciada. Nesta poética do detalhe e do concreto (SARLO, 2007), os antigos contratos de fala estabelecidos pela branquitude são quebrados tomando como base a noção de que diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos (WOODWARD *apud* SILVA, 2007).

O trabalho compulsório relegou à mulher negra o estatuto de força de trabalho e máquina reprodutora. Ao analisarmos a categoria mulher, torna-se ímpar considerarmos essas especificidades concretas, descartando ideias unificadas e observando os elementos determinantes não de um grupo homogêneo, mas uma categoria heterogênea derivada das diferentes culturas e formas de relacionamento com o real. Ao assinalarmos a existência de diversas culturas, demarcamos, por

consequente, lócus distintos de configuração das mesmas. As trabalhadoras domésticas, lavadeiras e parteiras foram mulheres que ocuparam o espaço da rua contrapondo as performances relacionadas ao mito da rainha do lar.

Sueli Carneiro, em seu artigo “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” lança a seguinte reflexão: “Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando?” (CARNEIRO, 2003, p. 50). Evidentemente a mulher negra não corresponde à imagem judaico-cristã daquelas destinadas à constituição da família triangular. Mesmo considerando que a ação das mulheres ‘donas-do-lar’ não tenha sido meramente passiva e que estas também encontraram formas de atuar dentro do espaço doméstico, precisamos abordar estes contra lugares no sentido de perceber espaços e funções que nos servem para a compreensão da identidade da mulher negra. A diferenciação cultural é fundamental para que possamos constatar outras subjetividades e universos simbólicos. Uma vez considerado o lugar de produção da cultura das mulheres negras, poderemos particularizar sua escrita e questionar os significados construídos acerca de sua identidade no discurso canônico, abrindo espaço para uma referência que acusa suas arbitrariedades e lacunas.

Nas memórias de infância de Conceição aparece uma reflexão importante a respeito da lógica do trabalho. Em suas palavras: “Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo” (EVARISTO, 2016, p. 3). Cuidar do corpo do outro não apenas como ofício, mas de acordo com uma perspectiva que desmantela a humanidade dos corpos negros - vistos como semoventes - em prol da constituição do corpo-referência da humanidade. O cuidado com o corpo do outro relaciona-se a esta estrutura patriarcal que nos constituiu enquanto ‘instrumentos’ asseguradores do crescimento da força de trabalho escravo. O trabalho nas lavouras não era poupado por conta de qualquer distinção entre gêneros e as mulheres negras não eram vistas como ‘sexo fraco’, ‘esposa’ ou ‘dona do lar’.

A ocupação do espaço da rua como fonte de trabalho e meio de subsistência sempre foi uma premissa. Angela Davis (2015), em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, afirma: “as mulheres escravas eram primeiro trabalhadoras a tempo inteiro para o seu dono e depois apenas incidentalmente uma esposa, uma mãe, uma dona de casa” (DAVIS, 2016, p. 10).

Conceição Evaristo relata sua existência a serviço do corpo do outro desde a meninez, pormenorizando em seus escritos a atmosfera em que estas especificidades constituíram uma identidade grupal. No conto intitulado “O sagrado pão dos filhos”, publicado na obra *Histórias de leves enganos e parecenças*, a narradora fala sobre o pão, “alimento nascido das mãos de uma mãe para seus filhos, depois que ela, cozinheira, retornava da cozinha de sua patroa, Isabel Correa Pedragal” (EVARISTO, 2016a, p. 37). Neste conto, a personagem Andina Magnólia dos Santos – que nasceu “forte, bonita e trabalhadora” (idem, p. 38) – serviu desde pequena à família Pedragal, sendo “a menina-brinquedo, o saco-de-pancadas, a pequena babá, a culpada de todas as artes das filhas de Senhora Correa” (idem). No conto intitulado “Fios de ouro”, a personagem Halima fora sequestrada em África

para ser escravizada no Brasil, “escravizada como brinquedo das crianças da casa-grande, como corpo para o trabalho, para o prazer e para reprodução de novos corpos escravos” (idem, p. 50). Nas recordações de Ponciá Vicêncio, protagonista da obra de mesmo nome, ela revela algumas memórias a respeito de seu pai, filho de ex-escravos, pajem do sinhô-moço. Na descrição da narradora, podemos observar a constituição de um corpo a serviço do outro:

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2003, p. 17).

Gizêlda Melo do Nascimento (NASCIMENTO, 2006), na obra *Feitio de viver: memória de descendentes de escravos*, traça um quadro sobre três tipos de experiência de trabalho das mulheres provedoras do sustento do lar no início do século. O primeiro refere-se às lavadeiras, doceiras, plantadoras e vendedoras de verduras; o segundo às empregadas domésticas, mulheres que trabalhavam “fora de suas casas, mas dentro das casas alheias” (NASCIMENTO, 2006, p. 113). O terceiro grupo adentra o rol daquelas que trabalhavam fora e eram consideradas indignas:

vendedoras ambulantes, costureiras de carregação, operárias em fábricas e parteiras; estas últimas perturbando a lógica sanitária, deslizando sorrateiramente em becos, vielas rumo ao novo grito por vida. Trabalhadoras incondicionais e tenazes procuram atender às necessidades básicas de suas famílias ao mesmo tempo em que fogem ao modelo de reserva, recato e passividade tão caro à moral burguesa e/ou cristã (*ibidem*).

Diante desse quadro, podemos afirmar que as mulheres negras experimentaram um lugar de experiência específico e esta posição permitiu-lhes um espectro de observação e compreensão também sui generis. Considerando-se esse histórico, identificamos a marginalidade como engate de um lugar de fala e produção de conhecimento específicos. Observar as construções racializadas de gênero a partir de si mesmas, permite a compreensão dos paradigmas que nos tocam concretamente, assim como a avaliação sob rasura das normatizações pré-estabelecidas, pensando-as de maneira desconstruída, destotalizada e configurando, neste sentido, a emergência da voz e a legitimação de um espaço de escuta. Estas mulheres “participaram dos segredos mais íntimos da sociedade branca” (COLLINS, 2016, p. 99). O trabalho como empregada doméstica permitiu a muitas delas observar de maneira específica a performance das mulheres brancas e, a partir disso, adjetivá-las e se autoadjetivarem através de um espectro particular. Em artigo publicado na obra *Representações performáticas brasileiras*, Evaristo descreve:

As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo, pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando (EVARISTO, 2007, pp. 17-18).

Ao falar sobre o cuidado com o corpo do outro, Evaristo revela um estranhamento a respeito do corpo das mulheres de sua família e, por conseguinte, do seu próprio corpo. Ao descrever “o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias” (EVARISTO, 2014, p. 16), a autora localiza dentre as calças e toalhas manchas vermelhas que lhe remetem à possibilidade de que os ‘outros’ corpos brancos urinam sangue. Não eram marcas vermelhas associadas a um corte, nem sangramento proveniente de alguma fissura, é vermelho-sangrado: mancha que remete a um corpo que verte sangue de forma não ocasional. O paradoxo existe uma vez que essas manchas lhe eram desconhecidas dentro do espaço da intimidade do lar e, em contrapartida, o sangue vertido do corpo das brancas transcende os limites da intimidade ficando visível aos olhos daquelas que tinham como premissa cuidar do corpo do outro. Dentro de sua casa, o sangue vertido do corpo das negras é segredado. Dentre tantas mulheres que compartilham um minúsculo espaço, nenhuma delas permite que o seu sangramento seja visível.

A poética afrofeminina nos permite reconhecer pormenores cotidianos que transcendem os papéis históricos delimitados. Diferentes posições de sujeito destacam-se nas descrições de Evaristo: conhecer o corpo do outro e não o próprio a faz questionar a origem do vermelho-sangrado, assim como a causa das mulheres de sua família segredarem seus humores íntimos. O sangue das mulheres negras remete ao processo de colonização do corpo que a desumaniza, da ideia do corpo estéril.

A poética do detalhe e do concreto permite-nos lapidar a posição de sujeito destas mulheres que não eram apenas donas do lar, mas provedoras do sustento da família. Escravas de ganho, amas-de-leite, lavadeiras, engomadeiras, quituteiras, enfim, uma gama de profissões desempenhadas como garantia de subsistência. Dos serviços domésticos ao comércio de produtos alimentícios ou de outros gêneros, essas mulheres tiveram o trabalho como condição de vida e viveram a experiência da casa e da rua como urgência por sobreviverem (NASCIMENTO, 2006).

As escrituras revelam as práticas e as trajetórias de um conjunto de mulheres negras brasileiras constituídas de acordo com um jogo duplo característico de nossa formação social. Neste processo, observamos de um lado a ordem hegemônica – conjecturada pelos discursos oficiais – e, de outro, uma ordem estabelecida de acordo com as demandas dos grupos marginalizados. Esta diferenciação foi muito bem estabelecida por Sodr  (1988) em sua obra *A verdade seduzida*. De acordo com ele, neste jogo duplo interpenetram-se duas culturas, a branca e a negra, “funcionando esta última como fonte permanente de resistência a dispositivos de dominação, e como mantenedora do equilíbrio efetivo do elemento

negro no Brasil” (SODRÉ, 1988a, p. 123). As demandas cotidianas das mulheres negras materializam-se numa poética dedicada às suas memórias. A falta de reconhecimento de sua humanidade, história e corpo figuram entre os dispositivos de dominação. Resistir a ela estabelecendo distintas estratégias de sobrevivência representa a contraparte deste processo. Os mestres de terreiro na Bahia afirmam que no Brasil “O branco faz letra, o negro faz treta” (SODRÉ, 1988a, p. 170). Treta significa “estratagema, astúcia ou habilidade na luta” (*ibidem*):

Significa, para o negro brasileiro, atuar nos interstícios das relações sociais de um modo próprio (ritualista) e oposto não à técnica da escrita, mas à ordem humana por ela representada até agora. A treta (outro nome para jeito, que na sociedade brasileira é uma esquiva à rigidez das leis e dos regulamentos) faz parte da ordem das aparências, é um jogo dos menos fortes. Mas não é um jogo infeliz, que incite à depressão ou à passividade (por exemplo, essa passividade pós-moderna que consiste em “assumir” as coisas). É algo que surge da atividade e da alegria de jogar com o singular, com o instante – o Kairós (*ibidem*).

A atuação nos interstícios e através de um jogo singular serviu para que as mulheres negras contornassem as adversidades provenientes do contexto no qual estavam subjugadas. As tretas, de acordo com o que foi conceituado por Sodré, subvertem de forma ritualística e singular a ordem preestabelecida. A escrevivência refere-se, neste sentido, a uma delas. As mãos das lavadeiras da família de Conceição serviam tanto para “lavar o sangue íntimo de outras mulheres” (EVARISTO, 2007, p. 18), para “branquejar a sujeira das roupas dos outros” (*ibidem*), como para outras demandas relacionadas a sua subjetividade. De acordo com ela: “Daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão ou, ainda, outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza [...]” (idem). De tabuleiras a formadoras de grupos e instituições mais complexos, estas mulheres trataram de se organizar e resistir utilizando-se de ‘astúcia’ e ‘habilidade na luta’; lançando mão das tretas para manejar com destreza o dia a dia de forma ímpar.

Na contracorrente das prescrições historiográficas tradicionais, a comunidade negra estabeleceu saídas para articular de forma estratégica a continuidade de seu grupo e cultura. Desenvolveram-se formas paralelas de organização social, assim como profissões que exigiam tais procedimentos e ocupações nos espaços intersticiais. Evaristo minucia esse jogo duplo: “Afirmo, porém, que foi do tempo/espço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias” (EVARISTO, 2007, p. 20). Se o branco faz letra e corrobora uma forma de utilização da linguagem, o negro utiliza-se dos interstícios para (re)configurá-la. Conceição ouve, conta, escre(vi)ve.

Nos discursos oficiais constituiu-se um imaginário sobre a mulher negra que transita entre as imagens desta enquanto mão de obra escrava, ama de leite e objeto sexual; dentre as possibilidades identitárias figuradas no projeto de ‘memória

nacional’ encontramos desde mucamas, às tias Anastácias e Ritas Baianas. Os pormenores relatados nos escritos de Evaristo revelam uma contrapartida a estas configurações. A poética do concreto e do detalhe se configuram, aqui, de acordo com uma referência pautada pelas demandas cotidianas. A autora afirma: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). Conceição Evaristo e sua escrevivência anunciam uma posição de sujeito, revelando minuciosidades sobre as noites não adormecidas das mulheres negras e abrindo lacunas a despeito das prescrições etnocêntricas.

conclusão

Para a leitura estabelecida, tornou-se imprescindível o deslocamento da referência masculina – o homo sapiens da cultura ocidental –, assim como a desconstrução de uma genealogia literária baseada no mito de uma literatura única. A utilização de uma perspectiva historicizante (HOLLANDA, 1994) permitiu-nos incorporar à análise dos textos a atmosfera circunscrita à sua produção. O imaginário da mulher negra a respeito de si, de seu corpo e de sua psique forneceram informações sobre como estas conceitualizam sua condição na sociedade.

A compreensão dos paradigmas e da perspectiva epistemológica negra, pautou-se em três temas estabelecidos pela teórica Patricia Hill Collins (2016) e relacionados ao pensamento afrofeminista, quais sejam: 1) a autodefinição e autoavaliação, que permitem uma autonomia de pensamento e resistência à objetificação inerente aos sistemas de dominação; 2) a intersecção entre múltiplas estruturas de dominação, que permite ao sujeito negro identificar o entroncamento e as nuances de um jogo estabelecido arbitrariamente pelo discurso hegemônico; 3) a redefinição e explicação da importância da cultura da mulher negra. A partir deles, estas mulheres explorariam suas próprias vivências, identificando áreas concretas de relações sociais onde são criadas e transmitidas autodefinições e autoavaliações.

Este pensamento serviu como base para a compreensão das produções e dos elementos específicos identificados na literatura afrofeminina. As narrativizações empreendidas por este corpus estabelecem inicialmente uma postura crítica a respeito das estruturas pré-determinadas para, em seguida, articularem a ressonância de uma voz feminina e negra articulada a partir de um ponto de vista especial.

A contrapelo, personagens e toda uma semântica irrompem, conduzindo um fio de memórias e revelando especificidades identitárias. Compreendemos as contingências de uma posição-de-sujeito negra e feminina de maneira descontínua. Não necessariamente inversa, mas para além dos binarismos

Palavras para esta poética? Poética da noite e dos silêncios, do segredo, das aparências, do detalhe e do concreto. Tessitura textual em que transbordam escrevivências, falas de si e do outro, uma coletividade literária. Em rituais secretos, noturnos e silenciosos, a poesia recolhe a força de um fio de memória tecido milenarmente.

referências bibliográficas

CADERNOS NEGROS. Contos e poemas. V. 1-30. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1978-2007.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo*: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003, pp. 49-58.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 jul. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. *La pensée féministe noire*. Québec: Éditions du remue-ménage, 2016a.

DAVIS, Angela. *Mulher, Raça e Classe*. Tradução: Heci Regina Candiani (1 Ed.). São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: http://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/blog/files/davis._mulher_raca_e_class_e.pdf. Acesso em: 23 nov. 2015.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) *Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecido*. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2016a.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2007.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SODRÊ, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SODRÊ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988a.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.